

Alternância no uso das preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas: análise sob a perspectiva da Lingüística Cognitiva¹

(Alternation in the use of the prepositions *para* e *em* in the speech of maroons communities: analysis in a Cognitive Linguistics perspective)

Paulo Jeferson Pilar Araújo¹

¹Departamento de Lingüística – Universidade de São Paulo (USP)

pjpilar@usp.br

Abstract: Starting with works in a variacionist approach about the variable uses of the verb *ir* (to go) in the moving sense and the possibility of alternation between prepositions in Brazilian Portuguese (BP), it is proposed here an analysis of the phenomena in question under the Cognitive Linguistics (CL) perspective. For those purpose, this work is limited to *para* (to) and *em* (in) of BP, demonstrating the compatibility of the variacionist studies with CL principles, at the same time that possible cognitive explanations are pointed for a variable phenomenon in the semantics of the prepositions of BP.

Keywords: Prepositions; conceptual space; Brazilian Portuguese.

Resumo: Partindo de trabalhos de cunho variacionista sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento e a problemática da alternância entre preposições no português brasileiro (PB), propõe-se aqui uma análise dos fenômenos em questão sob a perspectiva da Lingüística Cognitiva (LC). Para tanto, restringindo a análise às preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas, demonstra-se a compatibilidade dos resultados dos estudos variacionistas com alguns pressupostos da LC, ao mesmo tempo em que são apontadas possíveis explicações cognitivas para um fenômeno variável na semântica das preposições do PB.

Palavras-chave: Preposições; espaço conceptual; português brasileiro.

Apresentação

A conceptualização do espaço, seja em uma língua particular ou em diversas línguas geneticamente próximas ou não, é uma das questões investigadas pelo empreendimento cognitivo em Lingüística. Categorias espaciais como as preposições oferecem casos de análise que podem desvendar muitas das operações espaciais e cognitivas produzidas pelos falantes. A semântica das preposições do português brasileiro (PB) tem recebido a atenção de pesquisadores em linhas de investigação bem diversificadas. A exemplo, menciona-se o trabalho de Berg (2005) e Ilari *et alii* (no prelo), este último numa linha funcionalista e cognitivista.

Este trabalho se ocupa de um caso particular na semântica de duas preposições do PB, *para* e *em*, como nos exemplos abaixo:

- (1) a. Os alunos foram **pro** cinema hoje.
- b. Os alunos foram **no** cinema hoje.

¹ Agradeço às sugestões e comentários do Prof. Dr. Leland McCleary, do Departamento de Letras Modernas da USP e às sugestões dos pareceristas anônimos. A responsabilidade por possíveis problemas remanescentes é toda minha. Agradeço também à bolsa de pesquisa concedida pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão-FAPEMA/CAPES, 2007/2008.

que já foi objeto de estudo em trabalhos de cunho variacionista e gerativista. Para tanto, toma-se como instrumento de análise alguns princípios defendidos no âmbito da Lingüística Cognitiva (LC) aplicados ao exame do fenômeno de alternância entre preposições, tendo como ponto de partida resultados de trabalhos anteriores sobre o mesmo tema. Com isso, espera-se não só que um olhar alternativo sobre o fenômeno de alternância entre preposição seja apresentado, como também que a explicação de caráter semântico em jogo nesse caso seja mais bem entendida ao se levar em conta a representação do espaço na língua.

Na próxima seção, trabalhos de cunho sociolingüístico sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento e da alternância entre preposições são apresentados, juntamente com os questionamentos e problemáticas de cada abordagem. Na seção seguinte, são traçados alguns pontos do enfoque da Lingüística Cognitiva (LC) nos estudos das preposições, para que então seja discutido o caso das preposições *para* e *em* na variedade do PB falado em comunidades quilombolas², ao mesmo tempo em que se buscam possíveis propostas de explicação, sob a perspectiva cognitivista, para os estudos apresentados.

A regência variável do verbo *ir* de movimento e o problema da alternância entre preposições

O hoje já clássico estudo de Mollica (1996) sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento tornou-se referência obrigatória nos estudos posteriores sobre o mesmo tópico e/ou sobre as preposições *a*, *para* e *em*, principalmente na linha sociolingüística (ASSIS, 2006; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000), sendo que mesmo em trabalhos de outras abordagens teóricas, como a gerativa (FARIAS, 2006), há citação dos resultados de Mollica.

A referência inicial ao trabalho de Mollica deve-se ao fato de que os demais trabalhos na linha variacionista que se ocuparam da mesma variável terem adotado os mesmos fatores apresentados pela pesquisadora no seu estudo de 1996, a *Configuração do Espaço* e o *Grau de Definitude*, chegando aos mesmos resultados obtidos por Mollica. Nos seus resultados, a autora mostra que a escolha de uso pela forma dita não-padrão, a preposição *em* com verbos de movimento como o verbo *ir*, teria razões funcionais, sofrendo assim interferência de variáveis semânticas, nas palavras de Gryner e Omena (2004, p. 89).

Os dois grupos de fatores utilizados para a análise entre as variáveis *a/para*, consideradas padrão, e *em*, considerada não-padrão, comprovaram as hipóteses levantadas por Mollica (1996). Os dois grupos de fatores mencionados, *Configuração do espaço* e *Grau de definitude* dos SN locativos, tornaram-se as principais referências para o tratamento da variação com verbos de movimento no PB, pelo menos nos trabalhos variacionistas.

² Para uma melhor delimitação do problema, o trabalho se restringirá apenas ao PB, na variedade dita popular, por ser esse o *corpus* preliminar utilizado para a investigação sobre a alternância de preposição. Restringir-se-á também apenas à alternância entre as preposições *para* e *em*, já que nessa variedade não se encontraram ocorrências com a preposição *a* com o verbo *ir* de movimento no sentido de locativo.

Para a operacionalização e análise dos dados, Mollica especificou a *Configuração do espaço* como [+fechado] e [-fechado] (MOLLICA, 1996, p. 155) definindo [+fechado] como: “lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto.” Assim, locativos como “escola”, “clube”, “cinema”, etc. foram considerados [+fechado]. Foram incluídos como [-fechado] os locativos que não se enquadravam no critério acima, portanto, “praia”, “cidade”, “rua”, etc. Quando a *Configuração do espaço* era [+fechado], a variável não-padrão era favorecida, em contrapartida, na configuração do espaço [-fechado], era desfavorecida. Quanto ao *Grau de Definitude*, Mollica (1986, p. 158) relacionou o grau de definitude dos referentes locativos a partir de marcas morfo-semânticas como a presença ou ausência de *determinante* de *N*, juntamente com os traços *definido/não definido*. Considerando [+definido] como o referente conhecido do falante ou ouvinte, enquanto [-definido] como o referente vago ou pouco identificável pelo falante ou ouvinte. Comprovando as hipóteses apresentadas, Mollica observa que quanto maior o grau de definitude do referente locativo, a variável não-padrão era também favorecida.

Interessante que, partindo desses mesmos fatores, Farias (2006, p. 218) argumenta que a alternância entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento não se configura como variação lingüística nos termos labovianos, por serem “representações cognitivas de espaço” diferentes, portanto, não serem “formas distintas de se dizer a mesma coisa”. Dentro do modelo gramatical advogado pelo Gerativismo, a categoria preposição pode ser analisada como item introdutor de argumentos e adjuntos, neste caso, considera-se a existência de preposições lexicais e funcionais (FARIAS, 2006). Sob essa perspectiva, encontra-se no trabalho de Farias (2006) uma tentativa de analisar a alternância³ entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento como *ir* e *chegar*, no português brasileiro (PB) e português europeu (PE), como nos exemplos abaixo (FARIAS, 2006, p. 215):

- (2)
- a. O João foi **a** Lisboa (PB/PE)
 - b. O João foi **para** Lisboa (PB/PE)
 - c. o João foi **em** Lisboa (PB/*PE)
 - d. O João chegou **a** Lisboa (PB/PE)
 - e. O João chegou **para** Lisboa (*PB/*PE)
 - f. O João chegou **em** Lisboa (PB/*PE)

Considerando que Farias toma muito ao pé da letra o critério laboviano de variação lingüística, a análise para se comprovar se a alternância entre essas preposições se configura ou não como um caso de variação lingüística só pode se dar se for demonstrado que as formas estão em competição em determinados contextos de uso. Portanto, o autor não atenta para outro critério na configuração de um fenômeno variável, a adoção de uma forma “de se dizer a mesma coisa” em concorrência com outra nos mesmos contextos (TARALLO, 1986). Fato bem conhecido é a quase que total substituição da preposição *a* em construções com o verbo *ir* de movimento pela

³ O termo “alternância” é utilizado aqui no lugar de “variação” indistintamente, porém, chama-se a atenção para o fato de que, apesar de terem sido alguns questionamentos de ordem variacionista o ponto de partida para esta discussão, uma análise variacionista não será a preocupação imediata neste trabalho, pois não se sabe até que ponto todos os casos de alternância entre preposições podem se apresentar como um caso de variação nos critérios labovianos.

preposição *para*, principalmente em variedades não-padrão do PB. Mesmo *a* e *para* apresentando configurações espaciais diferentes (Cf. ILARI, *et alii*, no prelo) não impediu que um fenômeno de competição entre duas variáveis produzisse um fenômeno variável fazendo com que a preposição *para* se tornasse mais produtiva em contextos onde se esperaria a preposição *a*.

Mesmo não concordando com a posição de Farias sobre o status ou não de variação entre essas preposições, o que chama a atenção no trabalho dele é o seguinte trecho para a argumentação de que o uso alternante de *a*, *para* e *em* com verbos de movimento não constituiria um caso de variação:

Curioso, porém, é observar que os constituintes estruturais em que ocorre variação dos usos das preposições parecem ser condicionados por fatores relacionados a **representações cognitivas do espaço**, mapeadas de formas distintas em cada contexto estrutural: *configuração no espaço, grau de definitude, etc.*, o que me faz inferir que parecem não ser formas distintas de se dizer a mesma coisa. (FARIAS, 2006, p. 219). (Negrito nosso)

Farias remete a “fatores” num nível que se reflete na estrutura lingüística que confirmariam sua argumentação de que a alternância entre *a*, *para* e *em* no PB e PE não constitui um caso de variação lingüística. Como cada forma daria uma “representação específica” em cada construção, ou seja, ao fazer uso de uma das preposições acima o falante estaria, ao menos cognitivamente, representando o espaço de forma diferente, conseqüentemente estaria utilizando formas distintas para dizer coisas distintas. Com isso, Farias faz uso de alguns testes usados na literatura gerativa como o “clitic extraction”, “preposition-orphaning” e “tópico selvagem” para explicar essa alternância. Chega à conclusão de que tal alternância é possível devido ao status “half-way” das preposições envolvidas, além das propriedades predicativas distintas em PB e PE, nos contextos estruturais construídos com os verbos de movimento *ir* e *chegar*.

Nas duas abordagens de análise utilizadas nesses trabalhos, observa-se que nos trabalhos de cunho sociolingüístico, os autores fizeram uso de “grupos de fatores” pautados em traços semânticos. Na análise de cunho gerativista, foram utilizados “testes” já conhecidos na literatura gerativista para preposições em outras línguas. Os questionamentos que surgem após a leitura desses trabalhos são: (i) que “representações cognitivas do espaço” seriam essas mencionadas por Farias para a justificativa de que a alternância entre preposições com verbos de movimento não seja um caso de variação lingüística; e, (ii) se os mesmos grupos de fatores utilizados em Mollica (1996) também se aplicariam para outros casos em que se observa o uso alternante de preposições. Casos como nos exemplos que se seguem abaixo:

- (3) a. Os filhos dela estão **no** Rio.
b. Os filhos dela estão **pro** Rio.

em que as preposições *para* e *em* parecem aceitar a mesma alternância, entretanto não mais em contextos com verbos de movimento, mas em possíveis construções locativas.⁴ Propõe-se agora a verificação, a partir de pressupostos da Lingüística Cognitiva, de que forma o mesmo fenômeno: alternância entre preposições, aqui, especificamente as

⁴ Em Araújo (em preparação) esse caso é tratado com mais detalhes e Pinheiro (2007) se ocupa das construções locativas no PB, fazendo uso da abordagem teórica da Gramática de Construções de Goldberg.

preposições *para* e *em*, poderia ser explicado levando-se em conta a forma como os falantes podem representar o espaço na língua. Para tanto, na próxima seção, apresentam-se os conceitos que nortearão esta empreitada.

As preposições no enfoque da Lingüística Cognitiva

Como atestado por Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 3): “A Lingüística Cognitiva constitui-se de um conjunto de abordagens parcialmente convergentes mais do que de uma única e bem definida teoria”.⁵ Evans e Green (2006, p. 3) também ressaltam esse caráter da LC, atentando para o fato de que mesmo partindo de princípios guias comuns, as teorias existentes na LC são complementares e às vezes estão até mesmo em competição:

Cognitive linguistics is described as a ‘movement’ or an ‘enterprise’ because it is not a specific theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of guiding principles, assumptions and perspectives which have led to a diverse range of complementary, overlapping (and sometimes competing) theories.

Desses princípios, parte-se para dois pressupostos básicos da LC: o conceito de esquema imagético (*image schema*) e a tese do sentido corporificado (*embodied meaning*), discutidos por Johnson (1987) e que se mostram interessante para a análise de sistemas preposicionais (TYLER; EVANS, 2003; ILARI *et alii*, no prelo). Os esquemas imagéticos seriam estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes de nossa experiência sensório-motora (EVANS; TYLER, 2005, p. 18), e, portanto, seriam decorrentes da “corporificação” do sentido. O sentido corporificado é a premissa básica de que nosso sistema conceitual emerge do corpo, isto é, funciona a partir de nossas experiências corporais, também básicas, possibilitando a emergência de sentidos. Evans e Tyler (2005, p. 17-8) atestam que: i) a estrutura conceitual é modelada por nossas percepções humanas de interação com o mundo real; ii) e a linguagem é reflexo da estrutura cognitiva humana. Nesse caso, a experiência e arquitetura neuro-anatômica humanas, ou seja, a natureza de nosso corpo e a relação dele com o mundo, é que dão origem ao sentido em nosso sistema representacional. Vale ressaltar a natureza não-proposicional dessa estrutura conceitual.

Lakoff (1987), Johnson (1987), Evans e Tyler (2005), Tyler e Evans (2003), entre outros, têm investigado como esses esquemas pré e não-lingüísticos, que começariam com nossa experiência corpórea, são mapeados ou transferidos para outros domínios, por processos de metáfora como também de metonímia, principalmente para o domínio lingüístico.

Partindo desses princípios, Evans e Tyler (2005), ao se ocuparem da semântica das preposições do inglês e de como aplicar pressupostos da LC ao ensino de gramática em L2, adotam a premissa de que as preposições podem ser consideradas cenas espaciais, originárias de esquemas imagéticos pautados em um esquema de relação espacial conceitual entre dois construtos: Trajetor (TR, do inglês *trajectory*) e Marco (MR, do inglês *landmark*) (2005, p. 18). Cada preposição teria uma cena espacial mais abstrata chamada pelos autores de proto-cena. A partir dessa proto-cena haveria uma

⁵ Tradução nossa do original: “It (Cognitive Linguistics) constitutes a cluster of many partially overlapping approaches rather than a single welldefined theory.”

extensão da primeira cena, mais prototípica, de sentido primário, para outras mais periféricas, o que os autores chamam de “rede polissêmica” (*polyssemy network*).

As operações decorrentes entre os construtos TR e MR dariam a determinação da proto-cena da preposição, e com isso, das outras cenas periféricas. Evans e Tyler (2005, p. 21) se utilizam então de dois princípios cognitivos para que se possa lidar com os diversos usos de uma determinada preposição: (i) cenas espaciais podem ser construídas de diversas formas; e (ii) o sentido básico de dado elemento associado com a proto-cena pode ser estendido por padrões recorrentes da experiência humana com o espaço físico do mundo. Do primeiro princípio, têm-se uma melhor explicação para a falta de correspondência (*the cross-linguistic mismatch problem*) em traduções para línguas estrangeiras de preposições, como no caso de em certa língua uma configuração do espaço ser privilegiada para a representação do espaço que em outra língua seria privilegiada uma representação diferente. Evans e Tyler (2005, p. 27) dão como exemplo a representação de alguém andando na chuva. Enquanto em inglês alguém anda “dentro” da chuva, em francês alguém anda “sob” a chuva. O uso dos construtos TR e MR, representaria a cena nas duas línguas como representação nas figuras 1 e 2, respectivamente:⁶

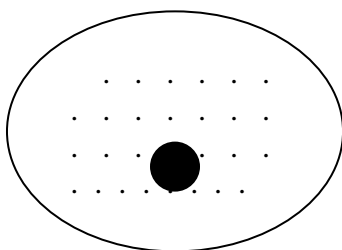


Figura 1. *The woman walks in the rain*

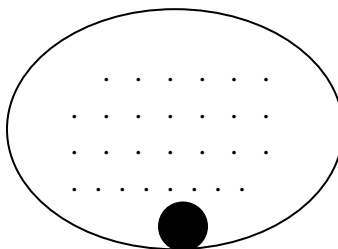


Figura 2. *La femme marche sous la pluie*

A determinação da proto-cena de uma preposição e de suas cenas periféricas poderia dar conta da “rede polissêmica” apresentada por uma dada preposição, oferecendo para alguns casos uma explicação satisfatória para os seus comportamentos semânticos. Dentre os vários exemplos que poderiam ser apresentados aqui, cita-se o trabalho de Lee (2001) que fazendo uso das operações entre Trajetor e Marco, demonstra como esquemas imagéticos indicariam a regularidade na semântica das preposições do inglês, além dos diversos trabalhos em parceria de Evans e Tyler relacionados às preposições inglesas (2003; 2005).⁷

⁶ Para efeito de análise, convencionou-se: os círculos menores como Trajetor, que tem a proeminência na cena, e os maiores como Marco, que serve como o fundo de referência.

⁷ O capítulo “A preposição” Ilari et alii (no prelo), a ser incluído no Vol. II da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (ILARI; MOURA NEVES, no prelo) trata mais detalhadamente das preposições

Busca-se agora apresentar de que forma é possível demonstrar a possibilidade de alternância entre *para* e *em* no PB a partir das “representações cognitivas do espaço” apontadas por Farias como razão para a não variação entre elas nas construções com verbos de movimento.

Alternância entre as preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas: a perspectiva da LC

Para o caso do fenômeno de alternância entre preposições em contextos com verbos de movimento, a LC apresenta alternativas de análise baseadas em componentes cognitivos originados da estrutura conceptual humana, refletidos na linguagem levando em conta o caráter corporificado do sentido. As operações de base espacial entre Trajector e Marco, tiradas de Langacker (*Apud* LEE, 2001, p. 3) e o conceito de esquema imagético, esclarecem muito da semântica das preposições, consideradas às vezes como caóticas e irregulares, a exemplo das preposições da língua inglesa (EVANS; TYLER, 2005).

No PB, a alternância entre *para* e *em* com verbos de movimento pode muito bem ser explicada pelos esquemas imagéticos e as operações entre Trajector e Marco. A título de exemplo, tem-se a análise feita por Lee (2001), onde o autor demonstra que a aparente irregularidade na polissemia das preposições inglesas se deve, às vezes, à similaridade ou oposição entre esquemas imagéticos de cada preposição, abrangendo até as extensões de sentido apresentadas pelas preposições.

Para início de análise, buscou-se em Ilari *et alii* (no prelo) um resumo dos sentidos etimológicos das duas preposições em questão. Para a preposição *em*:

A preposição portuguesa *em* é proveniente da preposição latina *in*, que tinha as acepções de “**localização dentro de**” ou “**deslocamento em direção a**”, dentre outras, menos concretas e menos comuns, e portanto marcava sobretudo relações de espaço e tempo. (...) Em português a preposição *em* tomou o lugar de várias outras preposições latinas. Emprega-se *em* no lugar de *para* ou *a*, com verbos de movimento, com acepção diretiva [...] (Negrito nosso)

Para a preposição *para*:

A preposição *para* é derivada da preposição latina (tardia) *pera* (ou *póra*), que é por sua vez resultado da junção de *per* + *ad* (ou *pro* + *ad*). Em latim esta preposição marcava “**percurso em direção definida**”, ao passo que em português arcaico lhe são acrescentadas as acepções de “**chegada**” e “**permanência**”. (Negrito nosso)

Não foi possível aqui traçar o sentido primário das preposições em questão como também os sentidos expandidos delas, a exemplo da preposição “*over*” do inglês feito por Evans e Tyler (2003), e a preposição *sob*, do português, feito por Oliveira (2007), por questão de espaço. Passa-se, entretanto, diretamente para a proposta de análise da alternância entre as preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas, a partir dos construtos TR e MR, com figuras adaptadas de Ilari *et alii* (no prelo) para exemplificar as possíveis configurações espaciais de ambas as preposições no caso específicos de uso com verbos de movimento e construções locativas. Para Ilari *et alii*

do PB sob o enfoque cognitivista e da gramaticalização. Para este trabalho, entretanto, optou-se por seguir a metodologia proposta por Tyler e Evans (2003) e Evans e Tyler (2005).

(no prelo), *para* e *em* apresentariam a possibilidade de atuar na configuração de dois espaços: estático e dinâmico, conforme as acepções antigas atestadas acima pelos autores. Abaixo, apresentam-se quatro figuras com as possíveis configurações do espaço para as duas preposições nos contextos considerados como os prototípicos, *em* para locativos e *para* em construções com verbos de movimento, além das construções consideradas alternantes, que seriam o uso de *em* com verbo de movimento e *para* em construções similares às construções locativas, conforme atestado por Poggio (2002, p. 259). Seguem-se às figuras, exemplos retirados do *corpus* de fala de comunidades quilombolas:⁸

(I) Para o espaço estático:⁹

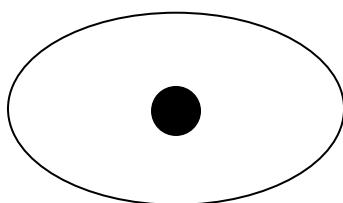


Figura 1. Representação do espaço estático de *em*

(4) e Santana dus Cabocu é lá... É lá *na* Santana das Mercêis. (SAN04)

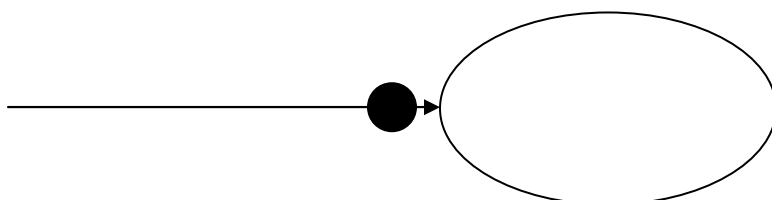


Figura 2. Representação do espaço estático de *para*

(5) Tem, mas (os documentos) tá *pa* casa da procuradora em que (...) (SAN04)

⁸ Os exemplos foram retirados de entrevistas com moradores de comunidades quilombolas, do Maranhão e São Paulo. A maioria com escolaridade de até 4 anos, e todos os informantes tinham acima de 40 anos. As três primeiras letras referem-se ao nome das comunidades onde foram feitas as entrevistas, e os números que seguem são o número da entrevista transcrita.

⁹ Os gráficos aqui apresentados seguem o modelo de Ilari *et alii* (no prelo), entretanto, a representação foi adaptada. Ressalte-se que as representações aqui exibidas são apenas uma tentativa de exemplificar como o falante deve representar a cena espacial ao utilizar uma ou outra preposição, portanto, outras representações, até melhores, poderiam ter sido utilizadas. As retas esquematizam trajeto e direção.

(II) Para o espaço dinâmico:

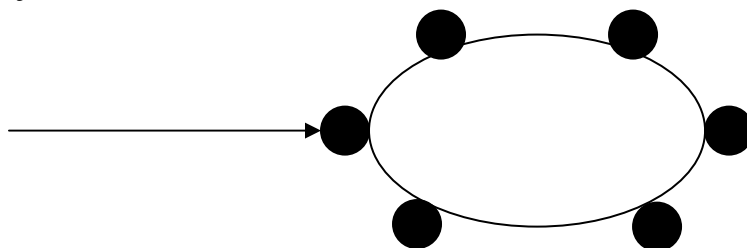


Figura 3. Representação do espaço dinâmico de *em*

(6) (eles) Foru **no** rio, vê se pega peixe. (SAN03)

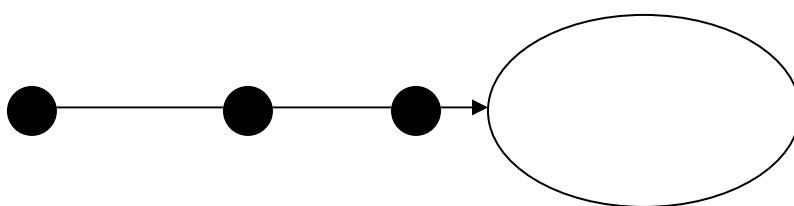


Figura 4. Representação do espaço dinâmico de *para*

(7) eiz vão **pra** roça as veiz as veiz sete e meia oito hora (CAN01)

As configurações espaciais acima, para exemplificação da semântica das duas preposições nos espaços aqui chamados de estático e dinâmico, podem apontar para a possibilidade de uso entre essas duas preposições em construções como as apresentadas em (1)c. e (1)f. como também de (2)a e (2)b, exemplificadas por Farias (2006), além das construções em (5) e (6), os casos ditos alternantes em que *para* é usado numa acepção similar a *em* e a preposição *em* com verbos de movimento.

A explicação para essa alternância ou troca, de acordo com Evans e Tyler, estaria na possibilidade de ambas as preposições apresentarem configuração espacial similar entre Trajector e Marco: “We hypothesize that two prepositions are interchangeable in select contexts because they encode very similar spatial configurations between the TR and LM.” (EVANS; TYLER, 2005: p. 32). O que se tentou demonstrar pelas figuras acima.

Assim, seria possível explicar a possibilidade da alternância entre as construções (1)b e (1)c existente no PB. Quanto à agramaticalidade de (1)c no PE, poderia ser explicada da mesma forma que a análise do uso das preposições em inglês e francês feita por Evans e Tyler (2005). Os autores afirmam que inadequações na tradução entre línguas, no que concerne ao uso da preposição, se devem dentre outros fatores aos diferentes aspectos da posição (no caso as relações entre TR e MR) que é privilegiada na língua, da cena apresentada pela preposição. Neste caso, a configuração espacial estática de *em* no PE não seria privilegiada como no PB, mesmo que as duas variedades de português tenham origem comum, a forma de privilegiar a representação no espaço é outra, nas duas variedades.

Essas poderiam ser as “representações cognitivas do espaço” mencionadas por Farias. Conclui-se com isso que mesmo que os falantes representem cognitivamente o espaço de forma diferente, há similaridade na forma como o falante faz a configuração

de um ponto móvel, o TR, e um ponto de referência, o MR, possibilitando assim um fenômeno variável com verbos de movimento, ao mesmo tempo também que a mesma similaridade permite alternância em construções locativas como em (4) e (5).

Após as especificações feitas entre as duas preposições e como ambas parecem compartilhar da mesma cena espacial, direciona-se agora a discussão para as possíveis implicações dos conceitos da LC examinados até aqui para a semântica de *para* e *em*, nos estudos sociolinguísticos que se ocuparam da regência variável do verbo *ir* de movimento.

Até o momento, o enfoque cognitivista das duas preposições, *para* e *em*, tem se mostrado compatível com os resultados dos estudos sociolinguísticos variacionistas (ASSIS, 2006; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000; MOLLICA, 1996).

A semântica da preposição *em* apresenta a possibilidade de atuar em duas configurações espaciais, estática e dinâmica. Assumindo aqui que a proto-cena da preposição *em* se dá no esquema imagético CONTÊNER, ou nas palavras de Ilari *et alii* (no prelo), esquema de caixa, a configuração espacial estática da preposição *em* se mostra como a mais prototípica. É de se esperar então que em construções em que o sentido prototípico de *em*, no espaço estático, seja mais privilegiado e certamente mais produtivo. Em outras palavras, ao estabelecer a *Configuração do espaço* e o *Grau de definitude* dos referentes locativos como grupos de fatores para a sua análise quantitativa, Mollica segue, “intuitivamente” ou não, as pistas da prototipicidade da preposição *em*. Portanto, o fato de ser justamente na *Configuração do espaço* [+fechado] e no *Grau de definitude* [+definido] que a variável não-padrão é favorecida, explica-se por esses traços serem identificados com a representação do espaço prototípico da preposição *em*.

Uma outra observação a ser feita entre a relação das representações espaciais de *para* e *em* com os resultados dos estudos sociolinguísticos é que, mesmo as duas podendo operar em dois espaços, que chamamos aqui estático e dinâmico, para cada uma das preposições um sentido será mais central e outro periférico, de acordo com a Polissemia Sistemática de Tyler e Evans (2003, 2005).¹⁰ No caso da preposição *em*, seu espaço estático é mais central do que o seu sentido dinâmico, este mais periférico; as mesmas razões para a preposição *para*, porém, no sentido inverso.

Ao olhar para a semântica das duas preposições sob a perspectiva da LC, buscou-se abranger não apenas a questão da regência variável do verbo *ir* de movimento, como também o problema da alternância entre elas em locativos, respondendo de certa forma às indagações de Farias (2006) sobre as “configurações cognitivas do espaço” que impediriam que a regência variável do verbo *ir* de movimento se mostrasse como um caso de variação aos moldes labovianos. Até aqui, reforça-se a idéia de que algumas das representações cognitivas do espaço mencionadas por Farias, pelo menos para as preposições *para* e *em*, no PB, de fato atuam em configurações espaciais similares, guardadas as devidas particularidades da semântica de cada preposição. Portanto, deve haver algum ponto de convergência entre fenômenos cognitivos e de variação linguística que tornem possível uma configuração variável mesmo em categorias espaciais como as preposições.

¹⁰ Por questão de espaço não foi possível uma apresentação da proposta dos autores para o estudo da semântica de preposições denominada Polissemia Sistemática. Em Oliveira (2007) tem-se uma rápida apresentação e em Gucht; Willams; Cuyper (2007) uma crítica à proposta dos autores.

Considerações finais

Começando por questionamentos sobre o conceito de variação lingüística no trabalho de Farias (2006), partiu-se do argumento usado pelo autor de que “representações cognitivas do espaço” distintas seriam a prova de que a alternância entre preposições não seria um caso de variação lingüística nos critérios labovianos, por não serem “formas distintas de se dizer a mesma coisa”, ao mesmo tempo que buscou-se demonstrar a confusão do autor quanto ao conceito de variação lingüística e a tentativa de explicação do fenômeno da alternância entre preposições no PB sob a perspectiva da LC.

A proposta aqui apresentada, de que as a semelhança na configuração do espaço das preposições *para* e *em* no PB explicariam a possibilidade de alternância entre elas em construções com verbos de movimento, além de outras, como em locativos, parece ser satisfatória ao basear-se nas representações do espaço privilegiadas no PB. Mostrou-se assim não ser impossível haver um fenômeno de variação lingüística, como também a compatibilidade dos resultados de estudos variacionistas com os pressupostos da LC quanto a fenômenos de alternância de preposições, a partir de representações espaciais para as duas preposições objeto deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *Descrição semântica dos usos das preposições para e em no português brasileiro*. (título provisório) (Dissertação de mestrado em preparação)
- ASSIS, Telma. A variação da regência dos verbos de movimento no Português Afro-Brasileiro. *JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, GELNE*. 21. João Pessoa, UFPB, 3 a 6 de setembro de 2006. Pôster.
- BERG, Márcia B. *O comportamento semântico-lexical das preposições do português do Brasil*. 2005. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). FALE-UFMG. 2005
- EVANS, Vyvyan; TYLER, Andrea. Applying Cognitive Linguistics to Pedagogical Grammar: the English preposition of verticality. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, nº 2, 2005.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics, an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FARIAS, Jair Gomes. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.
- GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
- GUCHT, Fieke Van der, WILLEMS, Klaas, CUYPERE, Ludovic De. The iconicity of embodied meaning. Polisemy of special prepositions in the cognitive framework. *Language Sciences*, 29 (2007) 733-754.
- ILARI, Rodolfo; MOURA NEVES, Maria Helena (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. II: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. (no prelo)

ILARI *et alii*. A preposição. In: ILARI, Rodolfo & MOURA NEVES, Maria Helena (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. II: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. (no prelo)

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*, University of Chicago Press, Chicago, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, Chicago, 1987.

LEE, David. *Cognitive Linguistics, an introduction*. Oxford University Press, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. A regência variável do verbo IR de movimento. Cap.6. In: (Orgs) SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Martte Pereira. *Padrões Sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (eds.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Aparecida de Araújo. Esquemas espaciais e extensões metafóricas na semântica de preposições do português do Brasil: um estudo de caso. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 1. p. 223-258, jan/jun. 2007.

PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires. **Aspectos sintáticos e semânticos da construção locativa do português brasileiro**: uma abordagem construcional. Dissertação de mestrado 120f. (Língua Portuguesa) Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

RIBEIRO, Antonio João Carvalho. Variação funcional na regência do verbo *ir*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christiane; SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de Sociolingüística brasileira e portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. *The Semantics of English Prepositions*. Spatial Scenes, Embodied Meaning and Cognition. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

VALLO, Mário Anastácio Galdino do. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense*. Dissertação de mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.